

FOTOS: ARQUIVO



Sarney está preocupado com o racha



Maciel: "disputas são normais"

## Planalto tem estratégia para recompor a Aliança

**R**econduzir a Aliança Democrática ao seu leito natural para que ela possa funcionar, de fato, como bloco de sustentação política do Governo no Congresso Nacional. Este o objetivo principal do Palácio do Planalto, que deflagrou estratégia neste sentido, a partir da viagem de Carajás, segundo revelou uma alta fonte do Governo.

Foi ontem durante a viagem ao complexo mineral de Carajás, entre uma conversa e outra com o presidente de Portugal, Mário Soares, que o presidente José Sarney, pacientemente, começou a costura do que sobrou da Aliança Democrática, destrocada com a disputa pelos cargos da Mesa da Constituinte e que resultou na marginalização do PFL nos trabalhos diretores da nova Constituição. Dai porque as cúpulas do PMDB e PFL foram acoopladas à comitiva do Presidente na viagem.

"Já que não foi possível uma aliança na Constituinte vamos agora revisar o acordo entre o PFL e o PMDB — razão da formação da Aliança Democrática — para dar apoio político ao Governo da Nova República ao qual pertencem", disse um assessor político do presidente Sarney. Ele lamentou as brigas dos dois partidos numa disputa menor — por cargos da Mesa da Constituinte — que teve uma desastrosa

consequência: inviabilizou a Aliança Democrática na Constituinte.

— Agora vamos procurar reverter a situação mudando o campo de ação da Aliança para o Congresso Nacional, como aliás estava acertado, desde a formação do acordo. Temos que mostrar que a Aliança Democrática não tem nada a ver com brigas eventuais de facções partidárias — acrescentou a fonte.

Sobre as desavenças do PFL e do PMDB, o ministro-chefe do Gabinete Civil, Marco Maciel, disse: "Trata-se de disputas normais num processo democrático. A Aliança Democrática não está ameaçada com estes desentendimentos episódicos pois foi criada com um objetivo maior: ajudar o Governo no processo de transição democrática".

E é nesta direção que a assessoria política do presidente Sarney vem trabalhando febrilmente. Uma parte da estratégia é atrair para o diálogo o maior número de peemedebistas com o objetivo de apagar o incêndio. Com este mesmo propósito conversar com o PFL e mais ainda: levá-lo a fazer uma autocritica, repensar a sua ação política, considerada desastrosa pelo Palácio do Planalto.

"O líder José Lourenço (do PFL) pôs os pés pela mão e superdimensionou a força do seu partido.

Ainda sob impacto da vitória no episódio do regimento interno agiu como se o PFL — e não o PMDB — dispusesse de 305 parlamentares. E se deu mal", considerou um articulador político do Planalto. E foi esta, de um modo geral, a impressão que ficou do desempenho de Lourenço na briga pelos cargos da Mesa da Constituinte.

— Não quero falar porque disputei com o José Lourenço a liderança do partido e perdi. Pode parecer até dor de cotovelo. Mas acho que ele errou quando ameaçou retirar-se da Mesa caso não conseguisse a 1ª Presidência e a 1ª Secretaria. Se estava blefando errou, porque a arrogância que ostentou no processo de negociação fez com que o PFL não tivesse como encontrar o caminho da volta — analisa o deputado José Thomaz Nonô, do PFL.

O balanço geral dos acontecimentos ocorridos desde a instalação da Assembleia Nacional Constituinte é o seguinte, pela ótica do Palácio do Planalto: "O PMDB errou ao superdimensionar sua força no episódio do regimento interno e saiu derrotado. Pela mesma razão o PFL perdeu na disputa da Mesa da Constituinte. Foi bom, no final das contas, pois, a partir de agora, terão que colocar os pés no chão e tomar consciência de que negociar é preciso". Conclui uma fonte do Governo.

ANC 88  
Pasta 26 a 31  
março/87  
072